

Belém e a “*Cidade Velha*”: Memória e História no imaginário de Milton Hatoum, nas representações de Luiz & Elizabeth Agassiz e Henry Bates.¹

Arcângelo da Silva Ferreira

Resumo

O ensaio elenca a imagem do urbano inscrita na literatura de ficção. Para tanto, elege, essencialmente, como *corpus de análise* a novela *Órfão do Eldorado*, do escritor Milton Hatoum, publicada originalmente no Brasil, em 2008, através da Editora *Companhia das Letras*. Apesar das imagens ínfimas, determinadas pela estrutura da narrativa da referida obra, são registradas, paisagens, cenas urbanas, as quais suscitam proposições acerca da memória e da história da cidade de Belém do Pará, principalmente no período que abarca a década final do século XIX e décadas iniciais do século XX (no contexto do espaço de memória conhecido como “Cidade Velha”). Para a elaboração de minha narrativa histórica faço incursões em outras fontes com, por exemplo, recentes estudos acadêmicos sobre a realidade social, cultural e histórica nos espaços urbanos belenense, relatos de alguns viajantes, fontes iconográficas, estudos de folcloristas. Por meio de algumas conjecturas, chego a seguinte conclusão: considerando o sentido da história na escrita criativa do escritor amazonense, o imaginário da cidade representado em sua obra suscita um debate sobre as *condições de possibilidade* para pensar e fazer uma história da cidade de Belém a partir da perspectiva *vista de baixo*, elucidando, assim, o papel histórico das classes populares e da cultura popular, através *dos fios e dos rastros* deixados por determinados sujeitos, os quais estiveram na história, contudo, subsumidos, pela historiografia tradicional.

Palavras-chaves: Milton Hatoum; Belém do Pará; História e memória.

¹ Este ensaio foi apropriado do quarto capítulo intitulado “A polifonia das representações: o imaginário da cidade de Manaus, Parintins e Belém em Órfãos do Eldorado de Milton Hatoum” inscrito na tese de doutorado de minha autoria: *Narrativa de uma cidade encantada ou alegoria de uma história trágica: Diálogo entre História e Literatura em Órfãos do Eldorado de Milton Hatoum*, que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia (PPHIST/UFGA), sob a orientação do Prof. Dr. Aldrin Moura de Figueiredo, desde 2017.

Resumen: El ensayo enumera la imagen de lo urbano inscrito en la literatura de ficción. Por lo tanto, esencialmente elige como corpus de análisis la novela *Orphan* de Eldorado, del escritor Milton Hatoum, publicada originalmente en Brasil en 2008, a través de la Editora Companhia das Letras. A pesar de las diminutas imágenes, determinadas por la estructura de la narrativa de esta obra, se registran paisajes, escenas urbanas, que plantean propuestas sobre la memoria y la historia de la ciudad de Belém do Pará, especialmente en el período que abarca el finales de la década del siglo XIX y principios del siglo XX (en el contexto del espacio de memoria conocido como "Ciudad Vieja"). Para la elaboración de mi narrativa histórica hago incursiones en otras fuentes con, por ejemplo, estudios académicos recientes sobre realidad social, cultural e histórica en el área urbanas de belenense, informes de algunos viajeros, fuentes iconográficas, estudios de folcloristas. A través de algunas conjeturas, llegara a la siguiente conclusión: teniendo en cuenta el significado de la historia en la escritura creativa del escritor amazónico, el imaginario de la ciudad representado en su obra plantea un debate sobre las condiciones de posibilidad de pensar y hacer un historia de la ciudad de Belém desde la perspectiva vista desde abajo, aclarando así el papel histórico de las clases populares y la cultura popular, a través de los hilos y huellas dejados por ciertos sujetos, que estaban en la historia, sin embargo, por la historiografía tradicional.

Palabras clave: Milton Hatoum; Belén del Para; Historia y memoria.

A propósito da proposta do ensaio que se avizinha, convém ao método que adoto iniciar com uma citação. As pessoas leitoras perceberão ao longo de minha narrativa que, de certa forma, utilizo-a possivelmente como um amálgama norteador para os meus objetivos neste breve estudo. Nesse sentido, com o autor, do qual adoto a reflexão, penso que: “Toda a história apresenta uma dimensão literária, ou linguística – digamos, retórica e associada à linguagem; resta-nos, agora aprofundar essa vertente.” (PROST, 2014, p. 209). Com isso quero deixar claro que o debate proposto nas linhas subsequentes gira em torno da relação dialógica entre literatura de ficção, relatos de viajantes à Amazônia e o saber histórico.

Nessa medida, muito é sabido acerca da fecunda contribuição documental deixada pelos naturalistas, viajantes estrangeiros, a partir de suas passagens por Belém do Pará. Importantes foram os registros, visto que antecedem as transformações sucedidas no fim do oitocentos, mas também, *in loco*, perceberam os insólitos acontecimentos que se deram durante a primeira fase de um período que eu vou chamar de “era da borracha” (1890-1913). Suas viagens foram de fundamental importância, também, para o desenvolvimento de descobertas feitas através das pesquisas à Amazônia. Tais pesquisas, além de servirem ao desenvolvimento da ciência, obviamente, foram eficazes para reelaborar sistemas político-econômicos e culturais, direcionados às capitais da Amazônia, como por exemplo, Manaus e Belém do Pará. Vale lembrar, por exemplo, que as pesquisas científicas de Albert Russel Wallace, feitas na Amazônia foram fundamentais para as conclusões dos estudos de Charles

Darwin, sobre a *teoria da evolução das espécies*. Relativo às ciências humanas, os naturalistas foram influentes, principalmente, no que diz respeito à Antropologia, a qual focou seus estudos nas ditas “sociedades primitivas” da Amazônia, através dos estudos pautados no darwinismo racial e social. Este estágio, por conseguinte, foi importante para que mais tarde a Antropologia desenvolvesse a sua sólida epistemologia e seu objeto de pesquisa: “a cultura na sua totalidade”, graças as conclusões de Marcel Mauss. Pois o material coletado pelos viajantes do século XIX e XX, por um ângulo, contribuiu com as *teorias racistas*.

Contudo, por outro, ajudou a refutar determinadas análises preconceituosas, principalmente a partir da segunda metade do século XX. Em suma, de certa maneira esse ensaio, procura se apropriar da visão dos viajantes dos dois séculos referidos para encetar algumas problematizações, a propósito do objeto de interesse do estudo que anuncio: a visão do urbano, inscrita no imaginário de Milton Hatoum. Belém do Pará é, portanto, a cidade que elucido, por meio das paisagens citadinas representadas no enredo da novela *Órfãos do Eldorado*, originalmente publicada no Brasil, em 2002, através da Editora Companhia das Letras. Considerando a metodologia que adoto nesse ensaio, entretexo as narrativas literária e histórica para elucidar a “Cidade Velha”, inclusa em *Órfãos do Eldorado*. Diante disso, para o que estou argumentando, vejo a necessidade, de recorrer a alguns viajantes que passaram por Belém no referido período histórico (século XIX e XX). Com eles, procuro um diálogo entre as representações, impressões, deixadas pelos pesquisadores estrangeiros e o imaginário do escritor amazonense. Ao lado disso, faço menções a estudos realizados por historiadores contemporâneos, acerca da trajetória histórica da cidade. Convido as pessoas que resolveram ler esse ensaio a me acompanharem, portanto.

Quando Louis e Elizabeth Agassiz, suíços, passaram por Belém do Pará, por duas vezes, na sua famosa *Viagem ao Brasil*, ocorrida durante os anos de 1865 a 1866, apesar de muito mais preocupados em colecionar espécies de peixes de nossa fauna aquática, pois a missão científica era voltada aos interesses da ictiologia, deixaram algumas impressões sobre a referida cidade: “o tempo aqui se escoou tão calmamente que nada vejo para escrever em minhas notas” (AGASSIZ, 1975, p. 230.). Diz a senhora Elizabeth, um tanto quanto entediada. Contudo, dias depois, ela, parecendo saudosa por deixar a cidade, afirma:

Depois de amanhã deixaremos a cidade do Pará [Belém]; partiremos pelo “Santa Cruz” para o Ceará. Parece que vamos deixar nossa própria casa, ao dizer adeus aos nossos excelentes amigos da Rua Nazaré; até aos lugares da redondeza nos afeiçoamos por sua beleza. A larga avenida plantada de mangueiras, longa de quatro ou cinco quilômetros, conduz ao ceio das grandes florestas, onde multidão

de caminhos estreitos e verdejantes são outras tentações para passeios. Uma dessas veredas se tornara meu caminho favorito; atraí-me todos os dias pela riqueza e o viço da vegetação, que, mesmo durante o pleno sol do meio-dia, cobre-o com sua sombra. Percorri-o muitas vezes pela manhã, durante umas três milhas, entre seis a oito horas, quando as suas paredes de vegetação ainda estavam todas frescas e úmidas de orvalho. Não compreendia por que a estreita aleia estava sempre em tão bom estado, com fortes chuvas tornando necessariamente impraticável, na estação úmida, essas trilhas da floresta, tão pouco frequentadas. Informando-me a respeito, soube que ele vai ter à mais triste das moradas, a um hospital de leprosos. Se está bem conservado é por ser a única via, entre o hospital e a cidade, para todos os tipos de transporte. (AGASSIZ, 1975, p. 235).

Como tal evidência poderia suscitar, historicamente o perfil de uma cidade prestes a se transformar extraordinariamente, se comparada com a Belém dos anos de 1890, por exemplo? No contexto histórico que ela será reconstruída, seu rápido processo de urbanização faz com que aquela vida sem novidades, a qual reclamava Agassiz, ganhe um certo frenesi nunca vivido antes nessas paragens. Contudo, ao lado de toda a beleza vista por Elizabeth, Agassiz registra um lado lúgubre da cidade: a edificação de um leprosário. Acerca da história do referido leprosário, convém uma breve digressão, da qual me aproprio por meio da transcrição de um recente registro áudio visual, que, apesar de longa traz indícios importantes sobre o Asilo de leprosos referido por Elizabeth Agassiz, por sinal, oportuno à minha narrativa histórica. O referido registro indica a localização do leprosário no atual Bairro do Guamá, através do, talvez, mais antigo documento relativo à fundação do bairro, datado do ano de 1728, (quando Guamá era ainda uma sesmaria assinada pelo rei de Portugal):

Nesse documento [o rei de Portugal] passava a posse para o senhor Teodoro Soares Pereira, com o objetivo de ocupar e explorar o território onde hoje é Bairro do Guamá em 1746 o espaço passa a ser administrado pela Ordem dos Mercedários. Lá passou a se chamar Fazenda do Tucunduba, onde foram instaladas plantações e uma olaria que oferecia telhas e tijolos a cidade de Belém. Mas tarde essa propriedade foi doada à Santa Casa de Misericórdia do Pará. No século XIX, foi construída no lugar da antiga olaria o Leprosário do Tucunduba, um espaço de reclusão social que tinha como objetivo tratar os doentes de hanseníase que perambulavam pelo centro da cidade. Além disso, o objetivo era também manter esses doentes afastados da população considerada sadia. O Asilo do Tucunduba foi inaugurado em 1816, com a internação de cinco pacientes, mas com o passar do tempo a população do leprosário foi aumentando e a sua estrutura precária não atendia nenhuma de suas funções. Não havia assistência médica que garantisse o tratamento desses doentes, nem mesmo uma estrutura física que proporcionasse o isolamento deles. Por isso, suas fugas eram constantes. Muitos doentes iam livremente para o centro de Belém, pedir esmolas, comercializar frutos que eles vendiam aos redores do leprosário. Outro fator que facilitava as fugas era a facilidade de chegar ao centro de Belém através do rio Guamá. Com o passar das décadas a população do leprosário foi aumentando. E com isso, as fugas. As autoridades se viram obrigadas a tomar algumas providências, inclusive a criação de um muro para impedir essas fugas.

Na transição do século XIX para o XX. (SILVA; NEVES; SÁ; NETO. 1999, In.: Laboratório Digital de História da Universidade Federal do Pará. [inserido no You Tube em 01/07/2019. Acessado em 22/01/2020].

Conforme o pronunciamento dos documentaristas aí citados, o leprosário, consiste em uma evidência, um rastro histórico que diz sobre o processo de segregação social, que iria tornar-se-ia pujante pela interferência da engenharia e arquitetura, trazidas com a força do capital estrangeiro e com a ideia de beleza urbana relacionada a higienização dos espaços direcionados às elites locais e estrangeiras. Essa Belém, segregada, é decerto o fio que conduz a constatação de uma determinada permanência histórica: o alhures e o atual “muro (in)visível” da discrepância, do preconceito social. Bem marcado, essencialmente, no período o qual se convencionou chamar de “*belle époque*”.

Talvez, devido a permanência histórica, seja quase unânime entre os geógrafos, filósofos, antropólogos, historiadores etc., contemporâneos, belenenses (ou não), que estudam a trajetória histórica da cidade de Belém do Pará, uma constatação: a representação de uma cidade contraditória. Dito corretamente, paralelo às riquezas que, de forma insólita, afloraram, essencialmente no decorrer de sua “Idade de Ouro” (últimas décadas do século XIX à primeira década do século XX), há evidências relativas a problemas sociais diversos, quase sempre resolvidos como caso de polícia, previsto nos contundentes Código de Posturas. (SARGES; LACERDA, 2016). Esse panorama não poderia ser diferente, pois “se a infraestrutura resultava de uma armação financeira imponente, mas frágil, a superestrutura decorrente era como fogo-fátuo passageiro, produto de artificiosa combustão de recursos naturais” (NUNES; HATOUM, 2006, p. 17). Nessa medida, restou à maioria da população: indígenas, negros, mestiços, pobres em geral o drama da inópia. Na publicação da Revista Amazônica, em 1883, por sinal, o literato e crítico de arte José Veríssimo, in loco, já denunciava a peculiar relação entre infra e superestrutura que, naquele contexto, já moldava a realidade social existente na cidade de Belém, quando tece comparação entre a capital paraense e a capital do Amazonas, a propósito do argumento do debate que o escritor paraense propõe:

Entendemos que no meio do febril movimento comercial que a riqueza nativa do vale do Amazonas entretém não só nesta Liverpool dos Trópicos – como já lhe chamaram – mas ainda na frutuosa cidade de Manaus, havia lugar para um jornal consagrado a promover, direta ou indiretamente, o engrandecimento moral, e, portanto, dirigir melhor o material da Amazônia; e que publicá-lo seria, senão um serviço que prestávamos.

Não basta – cremos nós – produzir borracha, cumpre também gerar ideias; não é suficiente escambar produtos, é ainda precioso trocar pensamentos; e um desenvolvimento material que se não apoiasse num corretivo progresso moral

seria, não somente improfícuo, mas funesto, pela extensão irregular que daria aos instintos – já a esta hora muito exagerados – do mercantilismo. (VERISIMO, 1883, tomo I. Apud. DIMAS, 2011, p. XII).

Em outros termos, no passado, assim como na contemporaneidade os pensadores procuraram/procuram mostrar os múltiplos ângulos da cidade de Belém. Acompanhando essa visão, Milton Hatoum apresenta cenas significativas. Assim, se inscrevem condições de possibilidade para que seja possível ponderar sobre o seu imaginário à urbe belenense. Como um espectador emancipado, o referido literato faz menção a uma cidade diversa, não deixando, portanto de revelar, como fazem os pesquisadores contemporâneos, as diferentes peculiaridades da Belém, na passagem do século XIX para o século XX. Elucidando, essencialmente, os aspectos socioculturais e históricos.

Pois, no tempo do enunciado da novela *Órfãos do Eldorado*, mas também, durante os anos de 1870-1920, de fato, Belém tornou-se um lugar preparado para comportar uma elite estrangeira, assim como os novos ricos forjados no chão da referida urbe. Nascia, portanto, outra estrutura social, tecida pela dinâmica da produção do látex extraído da *Hevea brasiliense*: “uma classe de homens políticos e burocratas formada por nacionais; os comerciantes, basicamente portugueses; os profissionais liberais, geralmente de famílias ricas e oriundas das universidades europeias.” (SARGES, 2010, p. 125). Mas, anos antes do mundo se voltar para cidades como Belém, à procura do látex, Agassiz já indicava que a Euforbiácea (*Hevea Brasilienses*), isto é, a seringueira, já era explorada por populações que habitavam, por exemplo,

pequenas habitações de índios das margens do Amazonas (Santarém e Óbidos). A floresta primitiva que rodeia essas moradias é originalmente cheia de clareiras. Estas estão no meio de pequenas plantações de cacau e mandioca – planta cuja raiz fornece ao índio sua farinha – e às vezes também de seringueiras (árvore da borracha). Esta última, porém, só muito raramente é cultivada; cresce em estado nativo na floresta. O cacau e a borracha são expedidos para o Pará em troca das mercadorias necessárias a essa pobre gente. (AGASSIZ, 1975, p. 117).

Gradativamente, a demanda gomífera no mercado internacional promoverá “maravilhas”. Contudo seu mecanismo de exploração nas selvas da Amazônia, controlado pelo capital monopolista financeiro (o sistema de aviamento), dissimulou inúmeras atrocidades às massas de trabalhadores urbanos, seringueiros (indígenas, mestiços, nordestinos, barbadianos, por exemplo), quase sempre escravizados, ou para usar um neologismo, semiescravizados. Acerca dos vestígios sobre as condições de trabalhos dos

referidos trabalhadores, o relato de Roger Casement² inscreve gritantes informações relativas acerca da exploração violenta de trabalhadores, a maioria indígenas, no processo da extração do látex. No trecho retirado do *Diário da Amazônia de Roger Casement*, o referido cônsul relata, ao mencionar sobre “um lugar minúsculo, menor que qualquer outro”, (CASEMENT, 2016, p. 137) denominado de Último Retiro, localizado em Putumayo, na Colômbia, ocupado pelas empresas J.C. Arana y Hermanos, compreendida entre os rios Yapurá, Putumayo, Cara-Paraná e Puerto Tacna, o seguinte:

Fui ao cepo por volta das 10h30 e o experimentei em Sealy. Muita gente reuniu-se ao redor. O tronco não se fechou sobre pernas por pouco, a medida interna sendo, penso eu, de menos de sete centímetros, mais perto dos cinco. Pusemos então um índio robusto, que coube de forma justa. Ele conseguia mover o pé um pouco para cima e para baixo, pois a sua perna era mais fina perto dos tornozelos. [...] Enquanto fazíamos isso – Bernardes, Bell, Fox, Gielgud e eu – o índio começou a falar em uítoto e suas palavras jorraram. O que disse nos foi traduzido parcialmente por Sealy e Chase. Mostrou-nos as coxas e nádegas, exibindo largos vergões em ambas, descendo até a parte de trás das coxas e disse que foi assim punido por não trazer o *caucho*. Disse também que eram postos neste cepo, onde ficavam até morrer de fome, que morriam ali; que muitos, que todos, tinham sido chicoteados. Muitos haviam morrido naquele cepo. O seu semblante ferido atestava aquilo tanto como suas palavras. (CASEMENT, 2016, p. 142).

Entretanto, à revelia desses acontecimentos, Belém volve-se, assim, numa cidade ressignificada para uma boa parte do mundo. Não é demais reafirmar que, “nos primeiros anos do século XX, a cidade de Belém, como principal capital da borracha, vivia uma época cosmopolita, com desenvolvimento das comunicações, do telégrafo e dos transportes marítimos para os portos europeus e da América do Norte”. (FIGEIREDO, 2016, p. 26). Uma parte significativa da literatura de ficção que tematizou o período da belle époque, ambientando os espaços campo e/ou cidade não foi omissa quanto às representações da realidade social reveladoras das condições desumanas pelas quais viveram os trabalhadores no processo da extração e comercialização do látex. Destacam-se assim, Ferreira de Castro, Euclides da Cunha, Alberto Rangel, Artur Engrácio dentre outros, elucidaram que os ombros que suportaram o afã da borracha, que ergueram majestosas cidades, sofreram inúmeras e horríveis violências (FERREIRA, 2020), exemplo dessa minúcia impressa por meio das palavras do cônsul britânico, supracitado. Acompanhando essa tradição literária (a poética da violência), obviamente, Milton Hatoum procura representar tais transformações através

² Consol britânico, de origem irlandesa, que foi designado, pela coroa inglesa para investigar os maus tratos em que estariam sofrendo diversas etnias indígenas nas regiões fronteiriças ao Brasil, Peru e Colômbia. Das viagens nessa tríplice fronteira, e por extensão pelo alto Amazonas, durante os anos de 1910 e 1911, foram reveladas inúmeras denúncias relacionadas a exploração, opressão, violência e, principalmente, sobre os abusos do trabalho escravo que sofreram trabalhadores barbadianos e indígenas usados para a extração do látex. Antes de viajar para as fronteiras dos três países, passou pelas cidades de Belém do Pará e Manaus. Contudo nesse ensaio não irei me reportar às suas impressões sobre tais cidades.

de seu imaginário sobre a cidade de Belém do Pará. Apesar de as cenas retratadas serem ínfimas, conforme determina o enredo de sua novela.

Antes, porém, de eu acessar as imagens de Hatoum, recorro as representações de Belém, vista do rio Pará, através das primeiras impressões de Henry Bates, que viajou pela Amazônia durante os anos de 1848 a 1851:

Na manhã de 28 de maio [1848] chegamos ao nosso destino. O aspecto da cidade ao amanhecer era extremamente aprazível. O terreno em que foi construída é baixo e plano, apresentando apenas uma pequena elevação rochosa na sua extremidade meridional, e em consequência ela não nos oferece uma visão em vários planos quando contemplada do rio. Mas os prédios brancos com seus telhados vermelhos, as numerosas torres e cúpulas das igrejas e conventos, e o topo das palmeiras elevando-se por trás das casas – tudo isso fortemente delineado por um céu azul e límpido – dão à cidade uma aparência de leveza e alegria altamente estimulante. A floresta primitiva cerca a cidade em todos os lados que dão para o interior, vendo-se pitorescas chácaras espalhadas pelos seus arredores, semi-ocultas (sic) pela exuberante vegetação. O porto estava cheio de canoas e outras embarcações, grandes e pequenas, e o repicar dos sinos, acompanhado do espoucar (sic) de foguetes – provavelmente anunciando o romper de um dia festivo para a Igreja Católica – mostrava que a população já estava de pé àquela hora da manhã. (BATES, 1979, p. 12).

Nesses detalhes, já se percebe, através do olhar do naturalista, algumas peculiaridades dessa cidade amazônica: é essencial, apesar de último ponto de destaque a ser registrado, os indícios da ocidentalização que o lugar guarda em sua paisagem urbana, e, por extensão, nas mentalidades dos habitantes da urbe. As práticas e representações católicas são o testemunho dessa constatação; igrejas e o badalar dos seus sinos, a festa sacra, eventos elucidados pelo viajante estrangeiro. Assim como a arquitetura das edificações, que logo se destacam através desse olhar, um tanto quanto distante do porto da cidade.

Entretanto, a relevo, a vegetação (palmeiras), a floresta primitiva, exuberante, cercando a cidade, segundo o inglês visitante, diz sobre uma urbe que parecia aprazível porque leve, sem o frenesi que, em pouco tempo, iria balançar suas ruas. Ambiente procurado, porque “a temperatura amena, o permanente verdor da vegetação, a frescura da estação da seca, quando o calor do sol é abrandado pelas fortes brisas marinhas, bem como a moderação das chuvas periódicas tornam o seu clima um dos mais privilegiados da face da Terra” (BATES, 1979, p. 23.). Um perfil ainda bucólico. Mas, o naturalista já sugere o que poderia vir a ser aquele ambiente simples:

A cidade foi construída no local mais indicado para servir de porto de entrada para a região amazônica, e com o tempo irá tornar-se provavelmente um vasto centro comercial, já que a margem setentrional do rio principal, único local onde poderia ser fundada uma cidade, é de muito mais difícil acesso para navios, além de ser extremamente insalubre. (BATES, 1979, p. 22.).

Esses registros me fizeram buscar as imagens da cidade na trama da novela *Órfãos do Eldorado*. Assim, é perceptível que, na infância de Arminto Cordovil, o personagem central e narrador da novela, ficou impressa, dentre tantas cenas, a representação de uma cidade imaginada através dos relatos de Amando, seu pai, quando este se reporta a seus lugares de memória, fruto de suas experiências de viagens à capital da Província do Pará, no final do século XIX: “a Cidade Velha, o Porto do Sal, o Grande Hotel, os casarões, igrejas e praças magníficas. E o mar. O mar amazônico, de águas misturadas. Então eu quis conhecer a cidade”. Ora, as palavras do pai de Armindo suscitam a ideia de lugares legendários: “[...]. O Grande Hotel era um edifício fabuloso.”(HATOU, 2008, p. 79).

Recorro, assim, a uma memória onde se retrata a referida edificação para, posteriormente, me apropriar de algumas ponderações sobre suas peculiaridades, (valor arquitetônico, cultural) e, por extensão, dizer sobre parte da história da cidade. Vestígio desse tempo marcado por transformações na estrutura arquitetônica da urbe que tanto encantou Amando, ao ponto de ele deixar a impressão de um certo delírio em seu filho Arminto, que sonhava, desde então, em conhecer aqueles lugares quase mitológicos, os quais as sensações do menino emitia: uma bela cidade no centro da selva, semelhante à cidade luz, europeia. Não sem sentido, a referida edificação é considerada um dos “carimbos fisionômicos da cidade” (NUNES; HATOUM, 2006, p. 29.) de Belém, nas palavras do pesquisador citado, por exemplo.

Adiante, perceberão vocês, que ainda continuam lendo minha narrativa, que o autor citado estimula as pessoas leitoras a imaginarem a opulência desse que, no momento em que o autor escrevia (Benedito Nunes), já havia se tornado apenas uma recordação representada em imagens como a que reproduzo acima, pois que a beleza arquitetônica do *Grande Hotel* reside apenas nos registro de memória:

Imagine-se, agora, na rua do lado ocidental do Theatro da Paz, no mesmo Largo da Pólvora (Praça da República), um edifício de quatro andares, piso inferior abrindo-se em portas envidraçadas, os balcões das janelas superiores em ordenação clássica, culminando, de ambos os lados de um frontão central, em mansardas semelhantes às dos prédios de Rue de Rivoli, em Paris, ponham-se-lhe, em sua calçada fronteira, com as respectivas cadeiras portáteis, mais de uma dezena de mesinhas de tampo circular de pedra, cada qual cercado por um aro protetor de metal e teremos o **Grande Hotel** e sua terrasse, (...), ícone urbano, construído no fim do século [XIX] e, que, ainda sólido e em condições de funcionamento, na mesma década de 1970, quando o arraial de Nazaré acabou, a especulação imobiliária suprimiu da paisagem urbana. (NUNES; HATOUM, 2006, p. 30. [negrito de Nunes]).

É bem provável que esse ícone da fisiognomia de Belém, aí descrito pelo filósofo supracitado, seja representado nas lembranças de Amando e Arminto, para evidenciar a opulência extraordinária daquela capital cosmopolita, que ficou conhecida, à época, como “Paris Tropical”. A chegada de inúmeros estrangeiros, ricos, à cidade, demandou um majestoso desenho arquitetônico à urbe. O Estado, à época, transforma a cidade em um lugar apto a receber, essencialmente, estrangeiros europeus e do norte da América, interessados em investir nas oportunas redes de lucros que a Amazônia oferecia através do advento de sua elástica goma, matéria prima essencial durante o processo da industrialização, advinda da Inglaterra. Por isso, Paris é a cidade modelo para esse processo de ressignificação da capital da Província do Pará. A elite local contagiou-se pelo fausto: dava sentido à existência o refinamento forjado pela riqueza. (SARGES, 2010, p. 200.). Insurreta, porque inovadora do modo de vida, o burguês, porém, repentina e ilusória.

Na imagem a seguir, extraída da literatura de ficção de Hatoum, um retrato desse instante efêmero, na narrativa de Arminto, quando, finalmente, Arminto relata ter conhecido a cidade de Belém, à revelia das promessas não cumpridas de seu pai, Amando. Ocorre aí a representação da realização de um sonho há muito obstado pela força das circunstâncias:

(...), eu me esbaldei no Café da Paz e nos bares da Cidade Velha; conheci o Mestre Chico e outros boêmios e músicos que tocavam canções de pau e corda, tiravam toadas e modinhas com flauta, violão, violino e cavaquinho. Eu pagava a bebida das noitadas e os ingressos das operetas da trupe Chat Noir no teatro Moderno, no largo de Nazaré. Amanhecíamos no Porto do Sal. Depois aluguei uma lancha e vi o mar pela primeira vez. Na loja Paris n’América comprei peças de organdi suíço e de seda italiana e francesa...(HATOUM, 2008, pp. 80-81.).

Pulula, nessa cena fecunda, essencialmente, a sociabilidade boêmia. Outrossim, a imagem do mar, no trecho acima, simboliza a ínfima sensação de liberdade, naquele instante que parece eterno, vivenciado por Arminto: embebido de um prazer pueril. Por meio do relato de seu narrador protagonista, Milton Hatoum faz ver uma profusa minúcia da cidade. Há aí, também, alguns detalhes luxuosos da fisiognomia da urbe, por exemplo, o “teatro moderno”. Diante dessa imagem, eu preciso recorrer uma vez mais a Benedito Nunes:

O Theatro da Paz é um clássico teatro de ópera, sóbrio, mas imponente, com seis ordens de colunas na fronteira, substituindo as sete que teve anteriormente à sua reforma em 1905, quando delimitavam um terraço. A reforma liberou o terraço, acima da galeria de entrada no primeiro piso, em frente à frontaria, provida de óculos que ostentavam bustos representando as artes, vendo-se de cada lado da ordem de colunas fronteiras, duas janelas ornadas de tímpanos. Nas partes laterais, o teto é sustentado por colunas que caem sobre balcões, encimando

portões de ferro implantados ao pé de alongadas escadarias de mármore.(NUNES; HATOUM, 2006, p. 22.).

Os detalhes descritos pelo filósofo e crítico de arte corroboram as peculiaridades arquitetônicas que fez Arminto Cordovil chamar a essa obra de “teatro moderno”: edificado para os delírios da elite paraense. Mas, se as pessoas leitoras voltarem novamente o olhar para a imagem produzida pela escrita criativa de Milton Hatoum, logo perceberão que o escritor amazonense faz menção às peculiaridades significativas da cultura popular, a qual circula pela cultura considerada erudita. Reside no referido relato o rastro marcado pela influência europeia, no desenho arquitetônico da cidade paraense, herança de uma bela época, evidentemente.

Contudo, Hatoum indica um certo processo de transculturação, ressignificação de identidades não europeias, ao longo da história da cultura belenense. Assim, nessa ínfima imagem, porém fecunda, se inscrevem indícios para reflexões sobre as possibilidades acerca de uma história social da cultura, no bojo do cotidiano dos “artistas populares” presentes na cidade de Belém do Pará: indícios da arte de viver dos sujeitos que representam as classes populares. Essa perspectiva é propícia para se pensar sobre as trajetórias históricas, essenciais para a composição das expressões culturais da cidade, durante as décadas finais do século XIX e décadas iniciais do século XX: práticas e representações muitas das vezes subsumidas na historiografia tradicional, mas que, pelo menos, já constam em determinados estudos contemporâneos, sob a égide de uma história nova. Nesse ponto, é oportuno afirmar que a literatura, de certa forma, antecede, a historiografia, no que tange à ênfase às classes populares.

Como faz ver, por exemplo, Maíra Maia (2016), no seu estudo sobre Dalcídio Jurandir, pois na acepção do referido literato a cidade de Belém comporta os sentimentos e as lutas das classes populares que se faziam presente à luz de suas mobilizações sociais, visto que “Dalcídio Jurandir vai ao encontro da Cabanagem no século XIX para reeditar um novo começo para a decadência do fausto” MAIA, 2016, p. 247).

Na imagem, a qual estou me reportando, é possível perceber, como já frisei antes, que as aventuras de Arminto acontecem na ambiência da festa boêmia, no bojo da *Cidade Velha*. Assim, “Mestre Chico” parece ser uma alegoria usada para se representar a incidência da “cultura popular” em lugares nobres. Nestes, a *Cidade Velha* – espaço urbano mais direcionado às elites. O instrumento de “corda e pau” (violão) é outro indício, pois nos anos de 1890, “ainda pairava a marca da ‘vadiação dos negros’. Bataques de negros e

serestas ao luar consolidaram-se, no século XIX, como ambientes musicais presentes na paisagem física e sonora de Belém” (COSTA, 2016, p. 75).

O grifo é meu. Aproprio-me desse trecho do estudo do mencionado historiador, acerca da história da “música popular” na cidade de Belém, com o intuito de corroborar as imagens elaboradas pela escrita criativa de Hatoum à constatação do referido historiador. Como estou afirmando ao longo desse capítulo, as intenções de Hatoum, por meio de seu imaginário da cidade, na esteira da historiografia contemporânea, a qual conjecturo que ele seja um conhecedor, é vislumbrar as diversas cidades que existem na Cidade. Nessa medida, a Belém de Hatoum é representada também através da cultura vista de baixo, na acepção de que “nenhum passado é anônimo.” (HATOUM, 2006, p. 125).

A cena construída pelo literato amazonense revela a sua intenção em elucidar aspectos das histórias subsumidas. Nesse sentido, “Mestre Chico”, representado naquela imagem da cena urbana, elaborada por Hatoum, é, de fato, uma chave de leitura para verificar a frequência da boêmia seresteira nas ruas de Belém. O Código de Posturas de 1880, da cidade de Belém, no seu artigo 107, por exemplo, proibia os batuques e sambas: o testamento de que, por serem constantes, tornavam-se “manifestações perigosas” à ordem vigente. Pois, ao que tudo indica, as noites, pelo menos uma grande maioria delas, eram tomadas pelos sons musicais das experiências artísticas dos tocadores de violão e, por extensão, pela boêmia seresteira. Já nas décadas iniciais do século XX, os jornais inseriam notas sobre a entrada de seresteiros, para que executassem suas “músicas populares” na ambiência dos aristocratas da cidade. Igualmente, alguns memorialistas tecem registros convergentes aos da imprensa belenense: o violão e a seresta, frequentemente entravam nas residências luxuosas.

Os cantores do povo, portanto, levavam a alegria dos ritmos, tons e sons da “música popular”. Paralelo a isso, literatos, acadêmicos e seus círculos, juntamente com os músicos eruditos procuravam os músicos de corda e pau para conhecer suas formas, estilos de arte mais a fundo. Prática que acabou, aos poucos, quebrando alguns preconceitos sobre o valor da “música popular” (COSTA, 2016, p. 75-76).³ Em outros termos, dos espaços onde se ambientavam a referida música, isto é, “hotéis, casas de pensão, casas de cômodo, cortiços, estalagens, botequins, tabernas, bordeis, bares, dentre outros” (COSTA, 2006, p. 77), as vozes, violões e tambores dos sujeitos mulatos e negros, se espriavam para os lares aristocráticos (COSTA, 2006).

³ Essencialmente as notas 6 e 8 de pé das referidas páginas.

Outrossim, conjecturo que, provavelmente, dentre as matrizes intelectuais de Hatoum, esteja o pesquisador e folclorista Vicente Salles, pois há recorrência a “Mestre Chico” como músico da noite, no livro *A Modinha no Grão-Pará*. Como se verifica adiante:

Salles menciona os registros de dois memorialistas paraenses, Eustachio Azevedo e De Campos Ribeiro, que destacam a atuação dos boêmios “tocadores de violão” na Belém da primeira década do século XX, entre eles: Papapá, Santa Cruz, *Mestre Chico*, Pedro Mata-Fome, Tô Teixeira, Francisco Damasceno, Aluísio Santos, Raimundo Canela, Zeca 10 Reis, Jaques de Oliveira, Antônio Neves e Artemiro Bem-Bem. Estes são apresentados pelos memorialistas como músicos da noite, mas que exerciam outras profissões durante o dia, como encadernador, tipógrafo, carpinteiro e carteiro (Salles, Vicente *A Modinha no Grão-Pará*). ((COSTA, 2006, p.78 – sublinhei o nome próprio na referida citação, a propósito dos meus argumentos.).⁴

Desta forma, é bem provável que Hatoum tenha acessado os estudos de Vicente Salles para ressignificar, por meio de sua escrita criativa, a *Cidade Velha* belenense, representada por seu imaginário. Pois, como é sabido, Salles, na sua obra, deixou registros significativos sobre manifestações, peculiaridades da “cultura popular”, a exemplo dessas evidências as quais me reporte, por meio do trecho retirado do estudo do historiador Antônio Mauricio Dias da Costa. Nessa esteira, como busquei argumentar, conjecturo que o referido literato amazonense, para representar a cultura popular, fez investigação nos relatos, a exemplo de Louis e Elizabeth Agassiz e Henry Bates.

Em suma, para fazer as pessoas leitoras lembrarem da primeira citação usada nesse ensaio, eu recorro a outro trecho, a qual diz muito sobre minha intenção no debate que acabei de improvisar: “Sem dúvida, o valor da literatura não está em conferir os dados do real com o texto de ficção e assim atestar a sua verdade. Sua estratégia é falar daquele real pela via do simbólico...” (PESAVENTO, 2000, pp 44-45). É, portanto, com o propósito de instigar a reflexão entre o enlace de Clío e Calíope que elaborei essa narrativa. Porém, nesse momento, preciso fazer uma momentânea parada, na perspectiva de que essa breve exposição do meu estudo fomente algum debate sobre o imaginário e as representações da cidade de Belém através da novela *Órfãos do Eldorado*, do escritor amazonenses Milton Hatoum, assim como dos registros deixados pelos naturalistas que usei como fonte de história.

À Teresa e Olga.

⁴ Essencialmente a nota 23 de pé da referida página.

FONTES:

Documentário – áudio visual

SILVA, Adriane dos Prazeres; NEVES, Jdhenef; SÁ, Fernando de; NETO, Lázaro. *História do Bairro Guamá - Documentário realizado para a disciplina Prática Curricular Continuada V: Ensino de História e Linguagens: Literatura e Mídias*. Laboratório Digital de História da Universidade Federal do Pará, 1919. [inserido no You Tube em 01/07/2019. Acessado em 22/01/2020, às 23:19H.].

Diário e/ou Relatório de Viagem

AGASSIZ, Louis e Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil: 1865-1866*; tradução de João Etienne Filho, apresentação de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975

BATES, Henry Walter. *Um naturalista no rio Amazonas*; tradução Regina Régis Junqueira; apresentação Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979

CASEMENT, Roger. *Diário da Amazônia de Roger Casement*. Edição de Angus Mitchell; organização de Laura P. Z. Izarra e Mariana Bolfarine; tradução de Maiana Bolfarine (coord.), Mail Marques de Azevedo e Maria Rita Drumond Viana. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

REFERÊNCIAS

COSTA, Antônio Mauricio Dias da. “Os sentidos de “música popular” na Belém da primeira metade do século XX”. In.: SARGES, Maria de Nazaré; LACERDA, Franciane Gama Lacerda (orgs.). *Belém do Pará, história, cultura e cidade: para além dos 400 anos*. 2. ed. rev. e ampl. – Belém: Açai, 2016.

FERREIRA, Arcângelo da Silva. “*Na vaga claridade do luar*”: história e literatura do Movimento Madrugada na cidade de Manaus (1957-1967) – Curitiba, editora Appris, 2020 (no prelo).

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. “Os pintores e a cidade: Belém, arte e paisagem (séculos XIX e XX)”. In.: SARGE, Maria de Nazaré; LACERDA, Franciane Gama (orgs.). *Belém do Pará: história, cultura e cidade: para além dos 400 anos*. 2. ed. rev. e ampl. – Belém: Açai, 2016.

HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. – São Paulo : Companhia das Letras, 2006

_____. *Órfãos do Eldorado*. – São Paulo : Companhia das Letras, 2008.

MAIA, Maíra. “A cidade de Belém do Grão-Pará de Dalcídio Jurandir”. In.: SARGES, Maria de Nazaré; LACERDA, Franciane Gama Lacerda (orgs.). *Belém do Pará, história, cultura e cidade: para além dos 400 anos*. 2. ed. rev. e ampl. – Belém: Açai, 2016.

NUNES, Benedito; HATOUM, Milton. *Crônica de duas cidades: Belém – Manaus*. Belém: Secult, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jathahy. A temporalidade da perda (leitura de O Retrato, de Erico Veríssimo). In.: *Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura* / organizado por Sandra Jathahy Pesavento. – Porto Alegre : Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*; [tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira]. 2. ed.; 2. reimp. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2014

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzidas a Belle Époque (1870-1912)* – 3ª ed. – Belém: Paka – Tatu, 2010.

SARGES, Maria de Nazaré; LACERDA, Franciane Gama (orgs.). *Belém do Pará, cultura e cidade; para além dos 400 anos*. 2. ed. rev. e ampl. – Belém, Açaí, 2016.

VERÍSSIMO, José. “Revista Amazônica, 1883, tomo I”. Apud. DIMAS, Antonio. INTRODUÇÃO ao livro *Cenas da Vida Amazônica* de José Veríssimo. Editora WMF: Martins Fontes, 2011.

SOBRE O AUTOR

Professor de nível superior da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia na Universidade Federal do Pará (UFPA). Tem interesse na História Cultural, direciona seus estudos para o século XX, principalmente a relação entre história e literatura. Pesquisa a trajetória histórica das representações e práticas relacionadas a cultura afro-brasileira e indígena. Publicou os artigos: Reminiscências de Milton Hatoum: Oriente e Amazônia como vetores da arte literária. *SOBRE ONTENS*, v. 1, p. 43-52, 2018 e Diálogos entre oralidade, história e literatura em Manaus nos anos 60 (século XX). *Boitatá*, v. 21, p. 225-240, 2016.

E-mail: arcangelo015@gmail.com

Recebido 09/02/2019

Aprovado 10/03/2019